

## Considerações para a "Cultura de Projeto"

### Reflections on "Design Culture"

### Reflexiones en torno a la "Cultura de Proyectos"

*Ana Gabriela Godinho Lima, FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil.  
E-mail: anagabriela.lima@mackenzie.br*

*Maria Augusta Justi Pisani, FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil.  
E-mail: augusta@mackenzie.br*

*Maria Isabel Villac, doutora, FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil.  
E-mail: belvillac@mackenzie.br*

#### Resumo

O artigo propõe questões sobre as quais se aspira refletir para a atualização da "cultura de projeto". Discute como as novas tecnologias digitais avançaram em processos de modelagens, simulações, prototipagens e fabricação digital nas últimas duas décadas, e alerta para que seus benefícios e limitações sejam estudados de forma crítica, uma vez que não são soluções, mas sim meios de produção do projeto. Pondera sobre algumas características da pesquisa acadêmica fundamentada - ao menos parcialmente - na prática projetual, a partir do estabelecimento de dois indicadores de apreciação da investigação nessa área: o indicador histórico/historiográfico - de natureza textual - e o indicador projetual - de natureza imagética. Sugere pensar a educação a partir da experiência e evidencia que a relação Teoria-Prática é inerente ao obrar do projeto que, enquanto produção de um saber disciplinar, demanda uma abordagem necessariamente interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Cultura de projeto; Tecnologias digitais; Pesquisa acadêmica.

## Abstract

The article proposes questions about which the authors aspire to update the reflection on the "design culture". It discusses how new digital technologies advance in modeling processes, simulation, prototyping and digital fabrication in the last two decades. An alert is made regarding the critical studies on its benefits and limitations, since they are not solutions, but design production means. Ponderations are presented on the academic research-based, at least partially, in the design practice, considering two assessment indicators in this area: the historic /historiographical indicator – of textual nature – and the design indicator, imagenary in its nature. The text goes on suggesting to think about the architectural education from the experience perspective, putting in evidence that the Design Practice relationship is inherent in the design doing. As a disciplinary knowledge, the architectural project demands, necessarily, an interdisciplinary approach.

**Keywords:** Design culture; Digital technologies; Academic research.

## Resumen

El artículo propone reflexiones para discutir la actualización de la "Cultura de Proyectos". Analiza cómo las nuevas tecnologías digitales han avanzado en procesos de modelado, simulaciones, prototipación y fabricación digital en las últimas dos décadas y advierte que sus beneficios y limitaciones se deben estudiar críticamente, puesto que no son soluciones, sino más bien medios de producción del proyecto. Reflexiona sobre algunas de las características de la investigación académica basada, por lo menos parcialmente, en la práctica del diseño, desde el establecimiento de dos indicadores de evaluación en esta área: el indicador histórico/historiográfico – en su naturaleza textual - y el indicador del diseño – expresado por imágenes. Sugiere pensar la Enseñanza a partir de la experiencia y muestra que la relación teoría-práctica es inherente en la labor del proyecto que, mientras sea la producción de un conocimiento disciplinario, exige un enfoque necesariamente interdisciplinario.

**Palabras Clave:** Cultura de proyectos; Tecnologías digitales; Investigación académica.

## CONSIDERAÇÕES PARA A "CULTURA DE PROJETO"

O cerne de uma formulação conceitual e discussão de questões de ensino, didática e pedagógica acerca da natureza da atividade de projetar em arquitetura e urbanismo, e naquilo que é possível identificar, descrever e analisar de uma ação, pode ser considerada análoga ao experimento, como propôs Bruno Latour (2001), para quem, "nenhum evento pode ser explicado pela lista dos elementos que penetraram na situação antes de sua conclusão". É neste entendimento, que o presente artigo busca colaborar com o debate e se propõe a participar com a discussão da "cultura de projeto".

A conduta do projeto está envolvida com a formatividade (PAREYSON, 1993), união inseparável de produção e invenção. "Formar" significa um "fazer" que inventa ao mesmo tempo "o modo de fazer". Um "realizar" que procede por ensaios em direção ao resultado e produz obras que são "formas". Formar significa, antes de tudo, "fazer", *poien* em grego. O "fazer" é "formar" quando não se limita: a executar o que já está idealizado; a realizar um projeto estabelecido; a submeter-se a regras fixas. O "fazer" é "formar" quando, no curso da operação, se inventa o *modus operandi* e se define a regra da obra enquanto se a realiza, e a concebe executando, e a projeta no ato mesmo de realizá-la. E aqui cobra sentido o saber da técnica.

Projetar é um processo orgânico que mantém um caráter aproximativo e ensaístico durante a formação da obra. Como todo processo orgânico, a eleição e seleção das distintas possibilidades da técnica, do contexto histórico e material em que se insere o projeto, das virtudes da relação forma/espço, estão reguladas por uma finalidade intrínseca.

A atividade do projeto guarda uma genealogia que se articula em relações de interdependência entre palavra e imagem. Interessa conhecer a regra individual que se descobre e se inventa no processo de formar do projeto; investigar as intenções discursivas, sobre modos de vida, cultura, arte, política, ciência; e as atividades estéticas e técnicas, sua relação com a memória e a interação com o imaginário, presentes na linguagem visual. Para o ensino, interessa desenvolver a reflexão crítica sobre o inerente caráter experimental e inconcluso da forma de produção do projeto e ampliar a interlocução com a expressividade e a narratividade implícitas e/ou explícitas no encadeamento desta relação.

Interpretar interpretações, portanto, inerentes à prática projetual, para que "o saber da arquitetura não se restrinja ao manifesto de impressões sobre projetos e obras" (BRANDÃO, 2005).

## RECURSOS E FERRAMENTAS DO ENSINO NA CULTURA DE PROJETO

De acordo com os diferentes interesses e objetivos dos pesquisadores as tecnologias contemporâneas disponíveis podem ser fartamente exploradas no laboratório de Projeto, exercendo essencialmente duas funções: a de recurso pedagógico para subsidiar a exploração do processo do conhecimento e a de alimentar com múltiplas possibilidades o desenvolvimento do projeto e seus estudos complementares. A sociedade contemporânea já convive em rede e o uso diário das tecnologias digitais é uma realidade nas grandes cidades brasileiras. Praticamente todos os alunos da graduação e pós-graduação em

Arquitetura e Urbanismo possuem aparelhos eletrônicos, além de vários programas e aplicativos e também estão interligados por meio de várias redes de amizade, de trabalho e de lazer. Se, por um lado as escolas de arquitetura brasileiras demoraram a instalar e disseminar as tecnologias contemporâneas de projeto e de avaliação dos múltiplos componentes e aspectos do projeto, por outro os próprios pesquisadores se tornaram autodidatas com a facilidade da obtenção e de aprendizado do emprego das ferramentas digitais.

Os escritórios de arquitetura onde nossos pesquisadores trabalham ou trabalharam já adotaram ferramentas de tecnologia avançada nesta última década, com o intuito de produzir e/ou simular o desempenho de suas propostas projetuais. Essa realidade auxilia o emprego destas ferramentas na pesquisa e no ensino de projeto nos cursos de pós-graduação. Os pesquisadores que ainda não o fizeram se encontram em desajuste com o mercado da produção do espaço construído em nossas grandes cidades. Lentamente tornou-se inviável economicamente a operação do desenvolvimento integral de projetos de arquitetura apenas por meios manuais e artesanais.

Ressaltamos que as mais recentes tecnologias ainda não são excludentes com os demais métodos de desenvolvimento teórico-prático analógicos e manuais da arquitetura e urbanismo. O emprego das distintas técnicas e práticas testadas ao longo de séculos do ensino de projeto de arquitetura, como o croqui, o desenho técnico, a maquete, o modelo físico e outras formas de criação e de análises do espaço podem trabalhar de forma sistêmica para subsidiar o desenvolvimento do projeto. O discente de arquitetura e urbanismo não será passivo nesse projeto de curso proposto, ele desenvolverá suas ideias de forma que surja sinergia entre todos os atores internos e externos do processo projetual. O docente ensina, participa, aprende e explora os recursos pedagógicos diários, respeitando e convivendo com os múltiplos universos e ferramentas de interesse e acessíveis pelos discentes.

A tecnologia não resolve as questões que submergem nos processos projetuais acadêmicos, porém ela desempenha o papel de trabalhar com os conhecimentos de forma simbiótica entre os diversos saberes, ferramentas e atores.

Um dos avanços de destaque é a realidade virtual, que permite preparar e simular um mundo não materializado, no qual a nova proposta de projeto, bem, como seus impactos podem ser verificados. A averiguação do desempenho dos espaços propostos passa a ser mais acessível.

Fundamentada nas ferramentas digitais, o *Building Information Modeling* (BIM) é uma técnica que vem oferecer ao processo de projeto e construção uma interessante contribuição, quando desempenha o papel de restringir os equívocos durante a concepção e detalhamento, com conseqüente redução de custos em todas as fases do ciclo de vida do espaço construído. A modelação estrutural explora com precisão as possibilidades de projeto e auxilia todos os processos de detalhamento, cálculos e desenhos de execução (BORRMANN, 2015).

Evidenciamos que, apesar desses avanços, o papel do arquiteto/professor/pesquisador em projeto de arquitetura e urbanismo ainda é fundamental como mediador e orientador do processo de pesquisa e produção de projetos. Outra questão, que se não é nova continua atual, é quanto ao preparo do professor para conhecer as tecnologias e os processos de aplicação destas na prática docente. Parcela dos professores ainda se espelha nos processos

desenvolvidos em seus escritórios, vinculados a especificidades do mercado imobiliário e de políticas públicas temporárias. A presente proposta prevê que estes serão reciclados de forma gradual para que desenvolvam novas habilidades de trabalhar com os resultados dos recursos contemporâneos e das novas linguagens de criação, representação, apresentação e avaliação dos espaços construídos.

Empregar todas as ferramentas disponíveis, segundo escolhas temporais e coletivas, criarão novas rotinas de pesquisa e ensino de projeto, mas, como lembra Bauman (2001) na “modernidade líquida” estas rotinas possivelmente não durarão o bastante para se tornarem hábitos. Durante o uso de todos os recursos escolhidos, do mais artesanal ao mais tecnológico, as verdades e certezas não existem. Os procedimentos e recursos pedagógicos não precisam virar regras que se perpetuam durante anos, porque as relações entre a produção, pesquisa, ensino de projeto e as tecnologias para sua materialização estão em constante movimento. O papel do docente é de eterno aprendizado, de tentativas sem preconceitos dos instrumentos, dos processos, dos atores e dos resultados. O emprego de métodos e práticas híbridas alimenta e pode gerar modelos pedagógicos que atendem a múltiplos níveis de expertises e vivências dos discentes. Nenhuma técnica ou recurso pedagógico é excludente, a coexistência entre diferentes abordagens e ferramentas criará experiências ricas.

As novas tecnologias digitais avançaram nas últimas duas décadas, com progressos nos processos de modelagens, nas simulações, nas prototipagens e na fabricação digital. Muito relevante é manter a crítica sobre as potencialidades e as limitações no emprego desses recursos nos cursos de pós-graduação.

Outra situação em pauta é a de ensino à distância. Entre os professores e pesquisadores em arquitetura e urbanismo há posições diametralmente opostas. Alguns saberes e competências dentro da formação na pós-graduação podem ser desenvolvidos em ambientes à distância, para isso a escolha das mídias e das tecnologias são fundamentais. Os docentes necessitam de treinamento para que essa modalidade tenha êxito e para que estejam aptos a aproveitar as facilidades dessa ferramenta, principalmente para os aspectos técnicos e construtivos das questões de projeto, tais como legislações edilícias, urbanísticas, normas e aspectos comportamentais dos materiais de construção e desempenho das estruturas.

Entre a teoria e a prática entendemos as peculiaridades do conceito de projeto:

“Uma das particularidades do conceito de projeto é que se desenvolve dentro de duas ordens continuamente enredadas: a ordem do discurso encarregado de explicitar, de prescrever e planejar; a ordem da ação que reconhece as possibilidades formalizadas em intenções, em seguida colocadas em prática” (BOUTINET, 2002, p.254)

Dentro desse conceito, apreendemos que as ferramentas das tecnologias contemporâneas, para o desenvolvimento do projeto de arquitetura e suas avaliações, são cada vez mais empregadas na prática projetual, porém é imperativo que seus benefícios e limitações sejam estudados de forma crítica, pois estas não são as soluções, mas meios de produção do projeto.

Percebemos o arquiteto como o responsável último pelas decisões projetuais, e que este coloca em suas produções suas características, denominadas de “traço”, não só com sua ideologia e postura, mas também e essencialmente com seus conhecimentos técnicos, ligados aos conhecimentos do construir em cada

contexto, das leis, além de tantos outros aspectos. Por mais que se empreguem as altas tecnologias, o projeto de arquitetura é autoral e único e, por essa mesma razão, por ele responde quem projetou. As ferramentas de alta tecnologia são auxiliares e convivem com todas as demais qualificando e agilizando a criação arquitetônica.

## **INDICADORES DE ANÁLISE DA PESQUISA ACADÊMICA FUNDAMENTADA NA PRÁTICA PROJETUAL**

Neste trecho do artigo tecemos ponderações sobre algumas características da pesquisa acadêmica fundamentada - ao menos parcialmente - na prática projetual, a partir do estabelecimento de dois indicadores de apreciação da investigação nessa área: o indicador histórico/historiográfico - de natureza textual e o indicador projetual - de natureza imagética. Estes dois indicadores foram estabelecidos como parte dos resultados obtidos no projeto de pesquisa "Pesquisa Acadêmica em Áreas de Prática Projetual: Arquitetura e Urbanismo"<sup>1</sup> (2011), encaminhado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie entre 2010 e 2011. O trabalho teve como uma de suas bases o levantamento exaustivo da totalidade das dissertações de mestrado e teses de doutorado depositadas na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e desenvolvidas na mesma instituição, no período entre 1977 e 2011.

Aonde e como operam estes indicadores? Operam como auxiliares de análise e avaliação da pesquisa acadêmica, primordialmente mestrados, doutorados, e projetos de pesquisa que têm como foco de interesse central elementos do projeto de arquitetura e/ou urbanismo. Neste tipo de pesquisa, o indicador histórico/historiográfico serve como instrumento de verificação da utilização de noções ou conceitos históricos. A relevância destes indicadores reside em sua qualidade de instrumento de identificação, análise e ponderação sobre o modo como o conhecimento advindo da prática projetual é empregado como método de construção de conhecimento no âmbito da pesquisa acadêmica.

Passemos a algumas ponderações sobre como podem ser empregados tais indicadores.

Inicialmente, é necessário ter em vista de que toda construção intelectual, textual e não-textual está dentro de um campo disciplinar construído historicamente, e é neste contexto que empregamos o indicador histórico/historiográfico em primeiro lugar, no intuito de verificar o posicionamento histórico, explicitado ou não, do pesquisador.

### **Verificação do indicador histórico/historiográfico**

A história, a historiografia e a bibliografia arquitetural têm um papel importante no ensino de arquitetura ao conferir sentido à sua produção, organizando projetos, projetistas e lugares em escalas de valores contextos de análise. Sendo ensinada

<sup>1</sup> Financiamento: Fundo Mackenzie de Pesquisa. Equipe docentes: Ana Gabriela Godinho Lima (líder), Rafael Perrone, Ruth Verde Zein, Cecília Rodrigues dos Santos, Isabel Villac, Angelo Cecco, Daniela Büchler, Michael Biggs. Equipe discentes: Agnes del Comune, Maryellen Sanchez, Matheus Casimiro Vasconcellos, Thays Santos Hamad.

em grande parte por intermédio de representações, parte sob a forma de texto, parte sob a forma de imagens, a história da arquitetura tem um efeito importante na criação do sentido de realidade que estudantes constroem mentalmente.

Ao longo de seus anos de formação, alunas e alunos serão instados a ler dezenas de textos e estarão expostos continuamente às falas de professoras, professores e colegas acerca daquilo que é considerado bom, apropriado e válido sobre a arquitetura: suas histórias, teorias e práticas. Os discursos construídos pelas historiografias arquitetônicas constituirão o universo de referências e possibilidades do mundo profissional de cada estudante. Não se deve subestimar o impacto destas leituras e falas na formação de praticantes de projetistas, pesquisadoras e pesquisadores de arquitetura. Os discursos que incorporam e constroem ganharão uma medida razoável de credibilidade à medida que nomes, datas, conceitos e valores vão sendo reforçados ao longo dos anos de estudo e pesquisa. Quanto mais estas informações são repetidas, tanto mais ganham estatuto de verdade, configurando o que estudantes e profissionais passarão a chamar de realidade profissional (LIMA, 2004), e pesquisadoras e pesquisadores sustentarão como aquilo que constitui o campo acadêmico em arquitetura.

A história da arquitetura e sua bibliografia, nesse contexto, têm um papel importante ao conferir sentido à produção arquitetônica, organizando arquiteturas, projetistas e lugares em escalas de valores específicas. Como Pierre Bourdieu discute em *As regras da arte*, o texto tem o potencial de produzir um efeito de crença, antes que um efeito do "real" (BOURDIEU, 1992, p: 366). Embora Bourdieu refira-se principalmente ao texto literário, observa que também o texto científico exerce o "efeito de crença" que, como no texto ficcional, ocorre a partir da *illusio* fundamental que consiste na crença na realidade do mundo.

Como pondera Marina Waisman (2009), enquanto os problemas históricos se referem à existência do fato histórico - sua verossimilhança, a data, a autora ou autor, as circunstâncias de sua produção - os problemas historiográficos comprometem diretamente a ideologia do historiador, implicada na seleção do objeto de estudo, de seus instrumentos críticos, da estrutura do texto e "tudo aquilo que conduzirá à interpretação do significado dos fatos e, em definitivo, à formulação de sua versão do tema escolhido." (WAISMAN: 2009, p. 15).

Com isso em vista, o exame do indicador histórico/historiográfico exige, por parte do examinador, algum conhecimento prévio sobre as principais correntes historiográficas empregadas na pesquisa acadêmica em arquitetura e urbanismo. Borden e Ray (2009) compilam, em âmbito internacional, as vertentes historiográficas mais comumente empregadas nesse campo de pesquisa: empirismo; iconografia; história e teoria hegeliana; história social; história e teoria política; história e teoria operativas; estudos teóricos e interdisciplinares; ciências sociais; escrita pessoal e estudos fundamentados em análises visuais.

### **Verificação do indicador projetual**

A verificação do indicador projetual em pesquisas acadêmicas fundamentadas na prática projetual convocaria um examinador que possuísse, necessariamente, experiência na prática de projeto? Uma das especificidades deste perfil profissional se estabelece nos próprios anos de formação. No âmbito do ensino



de arquitetura, o desenhar, representar e documentar graficamente são tanto as habilidades mais estimuladas quanto as ferramentas mais utilizadas no processo de ensino de projeto. A produção e manipulação de imagens - e as diversas capacidades que envolvem - estabelecem um diálogo entre aquilo que é conhecido e aquilo que ainda resta conhecer no projeto. Em uma atividade dialética de idas e vindas, a pessoa ou grupo que projeta vai se aproximando sucessivamente das definições que compõem a proposição projetual.

Este é certamente um ponto que merece reflexão e debate cuidadosos. O que se pode dizer, por certo, é que é necessário que o examinador esteja a par do debate sobre a pesquisa nesse âmbito e suas características essenciais. Como nos lembra Doris Kowaltowsky, em sua apresentação à edição brasileira do livro de Bryan Lawson, "Como Arquitetos e Designers pensam" (2011), foi o pesquisador inglês Nigel Cross, um dos fundadores do periódico *Design Studies* que identificou os principais assuntos discutidos acerca dos métodos de projeto: 1. o controle do processo de projeto; 2. a estrutura dos problemas de projeto; 3. a natureza da atividade de projeto; 4. a filosofia do método de projeto.

A aferição do indicador projetual poderia passar, a critério do examinador, por um primeiro estágio em que se verifica se, de fato, o trabalho em questão caracteriza-se como pesquisa fundamentada na prática projetual. Isso implicaria na presença de dois elementos: 1. a construção da argumentação central do trabalho envolve necessariamente o emprego de instrumentos projetuais, ou seja, não prescinde do desenho e de elementos gráficos para sua construção e demonstração e 2. enquadra-se em um contexto mais amplo do debate acadêmico, como as quatro vertentes enumeradas acima ou, possivelmente, outras que estejam em atuação. Isso garantiria que se trata de pesquisa em nível acadêmico, e não de natureza técnica, cujas finalidades são, como se sabe, muito diferentes.

Uma vez constatada a adequação da pesquisa às temáticas ligadas à prática projetual, a verificação passaria então a examinar a construção e demonstração dos argumentos, com ênfase no processo, mas não perdendo de vista os resultados alcançados no final.

Do ponto de vista do processo, importa analisar a presença dos elementos não-textuais sob pelo menos três ângulos: o enunciado do objetivo que indica a necessidade do uso de elementos gráficos para que seja atingido; o modo como os recursos gráficos foram construídos para atingir o objetivo; a habilidade demonstrada na apresentação dos elementos gráficos elaborados deste modo. Do ponto de vista do produto final, a resposta a três questões essenciais pode contribuir para um exame mais acurado (LIMA et al., 2011):

O trabalho apresenta claramente a caracterização do problema e o uso de elementos gráficos é a solução mais apropriada para respondê-lo?

É possível demonstrar ou constatar claramente que o uso dos elementos gráficos forma a solução mais apropriada para resolver o problema;

A utilização da solução adotada pode ser comunicada coletivamente e beneficiar outros pesquisadores que se deparem com problemas semelhantes?

Em síntese, os tópicos que compõem esse indicador visam contribuir para a identificação, reconhecimento e valorização da pesquisa acadêmica que, ao utilizar métodos gráficos, como o redesenho, constrói um tipo de conhecimento que não poderia ser atingido por outra via.



## TEORIA(S) E PRÁTICA(S) NO OBRAR DO PROJETO

O exercício projetual interpela o projeto em seu *obrar* e não o projeto como *produto*. É uma dinâmica que compartilha a poética das obras em movimento e opera como "obra aberta" (ECO, 1958). Conforme Umberto Eco, a obra aberta individualiza "não a *obra-definição* (original em cursiva), mas o mundo de *relações* (original em cursiva) de que esta se origina; não a *obra-resultado* (original em cursiva) mas o *processo* (original em cursiva) que preside a sua formação; não a *obra-evento* (original em cursiva), mas as características de *campo de probabilidades* (original em cursiva) que a compreende" (CUTULO apud ECO, 1968, p. 10).

No processo de projeto, como na obra que tem a "abertura" como a possibilidade fundamental do fruidor e do artista" (ECO, 1968, p. 65), o domínio da ação supõe não só interpretar, senão também "habitar" o espaço que se projeta. E que se quer representante e portadora de uma relação frutiva entre Teoria e Prática, na qual o projetista é autor e participante que desfruta da experiência. Uma afinidade que se move em um campo de possibilidades e acoplamentos; que se estrutura em processos de hibridização que geram pluralidade de novas tradições, rejeitando as generalizações do pensamento binário que ordena o raciocínio em identidades puras e oposições simples.

O ato de projeto exige uma intenção formativa do sujeito em relação ao objeto<sup>2</sup> e, simultaneamente, uma maior compreensão do exercício da arquitetura diante da vida já que o conceito "habitar" pressupõe que a relação entre sujeito e objeto se constitui em um sistema "auto-eco-organizador"<sup>3</sup> que vai recobrando o objeto de complexidade em complexidade, e que não é outro senão o sujeito que trata de pensar e viver a relação sujeito-objeto.

### Disciplina e saberes

A prática do ensino e a profissão ilustram que o projeto arquitetônico, como diálogo entre um modo de "pensar" e um modo de "estar" na Arquitetura, se mostra como um exercício apropriado entre contemplação e ação, no qual o conhecimento e o descobrimento se constituem em ação integrada entre discurso, ação e experiência.

Pensar a educação a partir da experiência é compreender que "o saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna" (BONDÍA, 2002, p. 27). E que o processo projetual, aberto à contemplação e à ação,

"requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro,

<sup>2</sup> Louis Kahn diria que se pergunta «o que a obra quer ser».

<sup>3</sup> A expressão é de Edgar Morin, (1990). *Introducción al Pensamiento Complejo*, Barcelona: Gedisa, 5ª reimpressão, 2001.

calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço" (BONDÍA, 2002, p. 24)<sup>4</sup>.

A atividade projetual, como produção de um saber disciplinar, demanda uma abordagem necessariamente interdisciplinar. Desenha e constrói, a partir de outras disciplinas, um novo aparato conceitual e metodológico na explicação ou interpretação de um novo objeto, uma vez que "parte da integração de uma ou mais disciplinas em uma nova abordagem, com a consequente construção de seus próprios objetos, conceitos, premissas e paradigmas" (SANTOS, 2007, p. 54).

A arquitetura tem sua própria lógica interna, seu conjunto de regras, mas seu saber é fundamentalmente híbrido. Na contemporaneidade, tem atuado, cada vez mais, no entrecruzamento de linguagens, conceitos e formas, questionando antinomias, incluídas "a separação entre corpo e mente, práxis e poiesis, consciente e inconsciente" (SANTOS, 2007, p. 58). Ao incorporar, como dado de projeto, por exemplo, a experiência do "outro" no espaço, tem se aproximado de práticas transdisciplinares advindas de novas propostas em pesquisa, que "procuram transcender as perspectivas disciplinares anteriores mediante a conceituação de novos objetos, concepções e métodos" (SANTOS, 2007, p. 58). Ao abranger, portanto, campos heterogêneos antes não contemplados, que também operam sentidos não condicionados apenas pela razão e a lógica, mas igualmente aqueles da estética, da poesia e do imaginário<sup>5</sup>, a arquitetura ganha novos contornos e reúne, às suas singularidades, a qualidade de "campo ampliado" (KRAUSS, s/d).

## COMPROMISSO COM A CULTURA DO PROJETO

A troca de ideias acerca de técnica, pesquisas, métodos, condutas, pré-requisitos e processos da área de Projeto, na formação de arquitetos e urbanistas, é uma ação em movimento que acolhe e se renova pelo debate, em afinidade com as condições contemporâneas, relativas à atuação profissional diante de novas demandas. Demandas estas que motivam e contribuem para modos diferenciados de ações objetivas, políticas e ideológicas de práticas sociais urbanas, debates intelectuais, programas e resoluções de problemas.

No entanto, diferentemente de discursos pragmáticos, a profissão do arquiteto e urbanista não se reduz à solução de problemas. Por seu compromisso com a contemporaneidade, cobra vigor a construção de um olhar próprio que oriente suas ações: um raciocínio que propõe questões sobre as quais se aspira refletir para a atualização da "cultura de projeto".

<sup>4</sup> «o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura». BONDÍA, Jorge Larrosa, 2002, p. 24.

<sup>5</sup> Apenas para citar as andanças de leitura e escrita simultâneas do espaço pela cidade, como forma de registro de resistência, vivacidade urbana e/ou de espaços que põem em crise um projeto coletivo contemporâneo. As experiências e ações das cartografias urbanas têm reunido, em seus ensaios, diálogos entre arquitetura, arte, filosofia, geografia, antropologia, ciências sociais, literatura...

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002, n. 19, p. 20-28 jan./fev./mar./abr. Tradução de João Wanderley Geraldi. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2017.
- BORDEN, I.; RAY, K. R. *The dissertation: an architecture student's handbook*. Architectural Press, 2009.
- BORRMANN, A. et al. *Building Information Modeling: Technologische Grundlagen und industrielle Praxis*. German: Springer, 2015.
- BOURDIEU, P. *As Regras da Arte, gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOUTINET, J. P. *Antropologia do Projeto*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRANDÃO, C. A. L. Os modos do discurso da teoria da arquitetura. In: DIAS, S. I. *S. Teoria da Arquitetura e do Urbanismo II* - apostila de disciplina. CAU-FAG/2005. Disponível em: <[www.arq.ufmg.br/ia/teoria.html](http://www.arq.ufmg.br/ia/teoria.html)>. Acesso em: 20 jun. 2011.
- CUTOLO, G. "A abertura de obra aberta". In: ECO, U. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968, p. 7-13.
- ECO, U. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- KOWALTOWSKI, D.; MOREIRA, D. de C.; PETRECHE, J.; FABRICIO, R. D.; MÁRCIO, M. D. (orgs.). *O Processo de Projeto em Arquitetura: da teoria à tecnologia*. São Paulo: Oficina de Textos/FAPESP (2011).
- KRAUSS, R. "A escultura no campo ampliado". Monoskop.org - wiki for collaborative studies of the arts, media and humanities. Reedição Rosalind Krauss, a partir da tradução publicada no número 1 de Gávea, revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, da PUC-Rio, em 1984 (87-93), *revista 17b.pmd, s/d*, p. 129-137. Disponível em: <[https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss\\_Rosalind\\_1979\\_2008\\_A\\_escultura\\_no\\_campo\\_ampliado.pdf](https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf)>. Acessado em: 28 maio 2018.
- LAWSON, B. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos.
- LIMA, A. G. G.; BIGGS, M.; BÜCHLER, D. M. *The Value of Architectural Sketches*. Working Papers on Design, 4. ed. Grace Lees-Maffei.
- LIMA, A. G. G.; Büchler, D. M.; Biggs, M.; PERRONE, R. A. C.; ZEIN, R. V.; SANTOS, C. R.; VILLAC, M. I.; BASTOS, M.A. "Indicadores de Pesquisa Acadêmica em Áreas de Prática Projetual". In: *V Projetar Processos de Projeto: Teorias e Práticas*, 2011, Belo Horizonte. Anais do Congresso Projetar: Processos de Projeto: Teorias e Práticas. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG; NPGAU, 2011. v. 1.
- LIMA, A. G. G.; PERRONE, R.; ZEIN, R. V.; SANTOS, C. R. dos; VILLAC, I.; CECCO, A.; BÜCHLER, D.; BIGGS, M.; COMUNE, A. del; SANCHEZ, M.; VASCONCELLOS,

- M. C.; HAMAD, T. S. *Pesquisa Acadêmica em Áreas de Prática Projetual: Arquitetura e Urbanismo*. Relatório de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie/Fundo Mackenzie de Pesquisa (Mackpesquisa), 2011.
- LIMA, A. G. G.; SOUZA, C. L.; MEIRELLES, C. R. M.; CASTRO, L. G. R.; PISANI, M. A. J.; VILLAC, M. I.; MEDRANO, R. H. *Proyectos, teorías e investigación: tendencias de la enseñanza en arquitectura y urbanismo*. In: *100 years of teaching in architecture*, 2011, Lima. Anais - 100 years of teaching in architecture. Lima: Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Artes - Universidad Nacional de Ingeniería, 2011.
- LIMA, A. G. G.; VIEIRA, J. L. *Posicionando historicamente o redesenho como instrumento de construção de conhecimento em arquitetura*. Thésis, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 34-53, jan./out. 2017.
- LIMA, A. G. G.; ZEIN, R. V. *Proyecto y Métodos proyectuales en La Investigación académica: algunos indicadores útiles*. In: *Jornadas Internacionales sobre Investigación en Arquitectura y Urbanismo*, 4, 2011, Valencia. Annales ... Valencia: General de Ediciones de Arquitectura, 2011.
- MORIN, E. *Introducción al Pensamiento Complejo*, Barcelona: Gedisa, 5ª reimpressão, 2001.
- PAREYSON, L. *Estética — Teoria da formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993. Tradução João Ricardo Moderno.
- SANTOS, M. S. dos. *Integração e diferença em encontros disciplinares*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v. 22, n. 65, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a05v2265>>. Acesso em 26 jun. 2016.
- VILLAC, M. I. "La construcción de la mirada crítica. El procedimiento de la tesis", capítulo 5. In: *La construcción de la mirada*. Naturaleza, Ciudad y Discurso en la Arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha. Tese doutoral, Barcelona: ETBAB | UPC, 2002.
- WAISMAN, M. *El Interior de la Historia: Historiografía Arquitectónica para Uso de Latino-americanos*. Bogotá: Escala, 2009.